

ROSSINI TAVARES DE LIMA

A MALHAÇÃO DE JUDAS EM SÃO PAULO

Separata da
REVISTA DO ARQUIVO
N.º CLXIII

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DIVISÃO DO ARQUIVO HISTÓRICO
SÃO PAULO - 1959

(816.1)
B2 m

A MALHAÇÃO DE JUDAS EM SÃO PAULO

ROSSINI TAVARES DE LIMA

(1.º Prêmio no 7.º Concurso de Monografias sobre o Folelore Nacional, instituído em 1931 pela Biblioteca Pública Municipal, do Departamento de Cultura, da Prefeitura do Município de São Paulo).

"Aleluia, aleluia,
E o sábado cheirá,
E é bobo, e é bobo,
Quem o Judas não maió."

O RITO DO FOGO NOVO E A QUEIMA DO JUDAS

A queima do Judas parece se relacionar ao rito de fim do inverno do "fogo novo", que sobreviveu entre os povos civilizados, com sua prescrição histórica primitiva.

Comentando essa tradição, na Córsega, escreve Van Gemep (1), que nos fins do século XIX ainda era costume um grupo de rapazes, no Sábado de Aleluia, percorrer as comunas da ilha, gritando: "Foco novo, foco novo". E a seguir, com lenha e galhos de árvore, ascendia-se uma grande fogueira e os sacerdotes benziam o "fogo novo", que nela se achava representado.

Conta, também, o mesmo autor, que na Lorena francesa, no sábado pela manhã, com as palmas do ano anterior, crianças faziam uma fogueira, na frente da igreja ou na entrada do cemitério. O fogo era aceso pelo sacerdote e chamado "lo fu de Judas".

Na Lorena alemã, em Lixing, vestia-se um menino de Judas, cobrindo-lhe a cabeça com alto boné, em forma de quilha. E segundo a tradição, o menino devia sofrer a prova do fogo, que consistia em ser balançado pelos mais altos e fortes, por cima da fogueira, que simbolizava o "fogo novo".

Em Nelling, no fim do século passado, erguia no cemitério ou nas proximidades da igreja. E o povo o designava pelo nome de "Judasteuer", dizendo que o apóstolo infiel ia ser queimado.

- 4 — Dos elementos que tomam parte
- 5 — Do que os participantes dizem sobre o fato
- 6 — Das crendices ligadas à malhação
- 7 — Das frases ou versos que dizem os participantes
- 8 — Do testamento

Dêsse modo, nos anos de 1950 e 1951, pudemos levantar o material, cujo resumo foi divulgado nos números 32 e 33 do "Correio Folclórico", publicação domingueira que mantivemos no "Correio Paulistano", sob o patrocínio do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade" e da Comissão Paulista de Folclore do I. B. E. C. C..

O resultado total desse levantamento, apresentaremos, agora, nos capítulos, que se intitulam: "A Malhação de Judas na Cidade de São Paulo", "A Malhação de Judas em Cotia, Itu e Pirapora", "A Malhação de Judas em Outras Cidades Paulistas".

A MALHAÇÃO DO JUDAS NA CIDADE DE SÃO PAULO

Em cinquenta pesquisas realizadas na cidade de São Paulo, chegamos às seguintes conclusões sobre o festejo popular, conhecido aqui pelo nome de malhação de Judas:

a) De como é feito o boneco

Em geral, é feito de roupas velhas (calça, camisa, paletó, gravata, sapato; macacão, batina, camisolão, pijama) cheias de trapo, estopa, capim de colchão, papel de jornal, palha de milho, serragem. A cabeça é uma bola de trapo, cujos traços fisionômicos são pintados a carvão, tinta preta ou vermelha, papel de seda vermelho ou desenhados com linha branca ou preta. Certos bonecos têm na cabeça um chapéu de papel, de palha, de feltro, um boné, um gorro ou simplesmente um lenço. As mãos são feitas de trapo ou de papelão. Às vezes, há dentro do boneco uma armação de madeira, que sustenta a cabeça, os braços e as pernas. Tudo é costurado com barbante ou arame. Quase todos têm no interior bombas pequenas ou grandes. Alguns apresentam nas mãos um saquitol com trinta tampinhas de garrafa de cerveja ou trinta pedrinhas; estas, também, podem ser colocadas nos bolsos. Numa taboleta ou em papel pregado no boneco há dizeres, como por exemplo:

- 1 — A vítima cantava:
Tomara que chova
Três dias sem parar,
Meu dia já chegou
Teu dia chegará.
- 2 — Adeus, vida ingrata!
- 3 — Aleluia chegou
E o morro ficou.
- 4 — É favor não bater com força.
- 5 — Já vai tarde.

- 6 — Já vai tarde, Judas.
- 7 — Não me toca a mão.
- 8 — O morro respondeu:
Daqui não saio,
Daqui ninguém me tira.
- 9 — Procuo emprego.
Ordenado: três mil cruzeiros.
- 10 — Sombra e água fresca
Até o meio dia.
- 11 — Sou brotinho!
- 12 — Traidor!

b) De como é amarrado

É amarrado numa forca adrede preparada, num poste, numa árvore, num muro, numa grade, numa cadeira velha, num pau de sebo. Para amarrá-lo, utilizam barbante ou arame, passando-o sobre o peito e as pernas, cintura e meio da cabeça, pescoço, pescoço e cintura, cintura e pernas, pescoço e pernas. Quando é colocado no pau de sebo, costumam pregar-lhe no corpo ou por-lhe no bolso ovos de Páscoa e notas de dois, cinco e dez cruzeiros.

c) De como é feita a malhação

A malhação consiste no espancamento, queima ou simples estouro do boneco. A queima é feita antes ou durante o espancamento. Para se queimar o boneco, embebe-se-o em gasolina, querosene, álcool ou cera de assalho derretida. O espancamento faz-se, na maioria das vezes, com paus de vassoura e a pedradas. Costuma-se colocar na ponta dos paus de vassoura um prego, para que o boneco possa ser mais facilmente rasgado. Quando há riacho nas proximidades do local da malhação, jogam-se na água os restos do boneco. A malhação é iniciada ao meio dia, podendo, entretanto, principiar antes da hora marcada. Em certos pontos, esta é precedida pela leitura do testamento, escrito em verso ou em prosa.

d) Dos elementos que tomam parte

Geralmente, participam da malhação meninos de sete a quinze anos. Também, às vezes, tomam parte meninas e mesmo adultos da classe operária, como mecânicos e choferes.

e) Do que os participantes dizem sobre o fato

Quanto à razão de ser da malhação, falaram os participantes:

- 1 — Estamos batendo no Juda, porque ele matou o Papai do Céu.
- 2 — É uma vingança de cristão.
- 3 — É uma vingança dos católicos contra os judeus.
- 4 — É uma vingança não só contra Judas, mas contra todo indivíduo mau.
- 5 — Foi ele que vendeu Jesus e o condenou ao Calvário.
- 6 — Malha-se porque acabou a quaresma.
- 7 — Malho por imitação.

- 8 — Por espírito de destruição.
- 9 — Porque foi culpado da morte de Cristo.
- 10 — Porque matou Jesus.
- 11 — Porque era judeu e matou Jesus.
- 12 — Porque bateu e maltratou Jesus com chicote.
- 13 — Porque todos os Judas são perversos.
- 14 — Porque ele apontou Jesus às autoridades de Irotes.
- 15 — Porque bateu em Deus.
- 16 — Porque ele é ruim.

O uso de bombas no interior do boneco é explicado:

- 1 — Porque o Judas arrebentou e espalharam-se as entranhas pelas ruas de Jerusalem.
- 2 — Porque ele se enforcou e tudo quanto era seu foi atirado fora: sapato prum lado, calça pro outro, enfim, tudo foi jogado fora.

f) Das crendices ligadas à amalhação

Possuem campo de ação mais ou menos extenso as crendices:

- 1 — Antes de malhar, é bom ir à casa e lavar o rosto, pois a água, nessa hora, é benta.
- 2 — Ao bater do meio dia, deve-se lavar os olhos, que faz bem.
- 3 — É bom beijar o chão; dá felicidade.
- 4 — Na hora da malhação, é de bom augúrio quebrar louças velhas e atirá-las pela janela.
- 5 — Nessa hora, dá sorte atravessar a rua três vezes com os olhos fechados.
- 6 — Quem bebe água nessa hora livra-se de quebranto e mau olhar.
- 7 — Quem lava os olhos, não sofre mais de dór d'olhos.

g) Das frases ou versos que dizem os participantes

Os malhadores dizem frases como estas:

- 1 — Arranca a perna.
- 2 — Bate na butina.
- 3 — E para o Judas nada?
- 4 — Maldito, traidor.
- 5 — Malha, malha.
- 6 — Malha o traidor.
- 7 — Malha o Judas.
- 8 — Mata o Judas que ele é mau.
- 9 — Morra o traidor.
- 10 — Não sai de casa hoje.
- 11 — Oja a cara dele.
- 12 — Queima esta porcaria.
- 13 — Tá todo queimado.
- 14 — Tira a cabeça do Judas.
- 15 — Toma, bandido.

- 16 — Também quero malhar esse patife.
- 17 — Um dia é da caça e outro do caçador.
- 18 — Vô por luto.

E também versos:

- | | |
|---|--|
| 1 - Aleluia, aleluia,
Peixe no prato
Farinha na cuia. | 7 - Mata, mata,
Paulada nele. |
| 2 - Aleluia, aleluia,
E o sábado chegou,
E é bobo, e é bobo
Quem o Judas não maia. | 8 - O Judas é um otário
Que calu no conto do vigário. |
| 3 - Fez Jesus carregar a cruz,
Agora é malhado,
E enforcado,
Pela molecada. | 9 - O Judas é um bobão,
Que não sabe nem marchar.
Ai de mim, diz o Judas agora,
Eu não mereço ser malhado
[assim
Ai, ai, de mim.
Ai, ai, de mim. |
| 4 - Jesus foi pregado
Judas foi malhado. | 10 - Olha o Judas
Que feio que ele é,
Vendeu Nosso Senhor,
Acabou morrendo em pé. |
| 5 - Judas foi para Roma
Vender Jesus,
Depois foi enforcado
Coitado! | 11 - Ontem por tua culpa
Morreu Nosso Senhor,
E hoje quem vai morrer
É você, seu traidor. |
| 6 - Judeu, judeu,
O português
Que apanhou do espanhol. | |

Em 1950, os participantes da malhação cantavam muito a marchinha de carnaval "Tá, tá, tá, tá na hora", dizendo:

Tá, tá, tá, tá na hora,
Vá, vá, vá vale tudo agora,
Sou mó, mole, pra fá, falá
Mais sou um Pintacuda pra malhá.

Ou então:

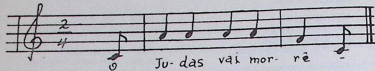
Tá, tá, tá, tá na hora,
Dá, dá, dá, marretada agora,
Eu sou gá, gá, gá, gago,
Pra fá, falá,
Mas sou um Pintacuda pra malhá.

Na rua 13 de maio, em 1950, registramos a marcha do Judas, de autoria de Oriando de Alencar:

Atenção!
Muita atenção!
Vamos ficar de prontidão.
Está chegando a hora
De liquidarmos o Judas
Pelotão.

Foi ele quem traiu Jesus Cristo,
Só por causa de trinta dinheiros,
Em moeda de ouro.
Por isso mesmo, irmãos,
Vamos matá-lo
Já que Pilatos lavou as mãos.

Na Rua Cuevas, as crianças contavam o verso:



O Judas vai morrer

h) Do testamento

Em nossas pesquisas, verificamos a existência de dois tipos de testamento: um mais vulgar, em prosa, e outro em verso. Deste, recolhemos nos bairros do Belém e do Ipiranga dois documentos.

1.º — Testamento do Belém (1950):

Pros meus parentes e amigos
E todos os meus queridos,
Vô fazê meu testamento
Prá aliviá o meu tormento.

Fica pró Jango minha meia
E só o que me dá na teia,
E pró meu tio Zé Conrado
As calças bem remendada.

Meu chapéu eu vô deixá
Prá quem quizê êle ocupá,
A gravata pró Ferreira
E a camisa pró Oliveira.

O sapato com meia sola
Fica pró amigo Nicola,
E está tudo dividido
Ninguém ficou esquecido.

Prô convencido Zé Faró
Vô deixá meu paletó,
Também eu deixo meu cinto
Prá o meu priminho Jacinto.

Agora eu vô dizê adeus
Prá todos conhecidos meus,
Eu vô morrê enforcado
Prá pagá todos pecado.

2.º — Testamento do Ipiranga (1950):

Eu sou Judas Escariote,
O mais infeliz dos judeus,
Não pode ter outra sorte
Um traidor perante Deus.

Foi por tôda humanidade
O meu crime reprovado,
O povo com ansiedade
Quer ver meu corpo queimado.

Vendi por trinta dinheiro
O bom e meigo Jesus,
E o filho do carpinteiro
Foi pregado numa cruz.

Ao ser julgado contemplo
O mal que meu crime encerra,
Mas, que sirva de exemplo
Aos Judas que tem na terra.

Certo da iniquidade,
Do meu mal procedimento,
E como última vontade
Deixo aqui meu testamento.

Não quero deixar deslize,
Pois a nada tenho apêgo,
Eu deixo minha valise
Ao meu amigo Diego.

O meu terno mais bem feito,
De pano bonito e fino,
Eu deixo bem satisfeito
Ao meu amigo Isolino.

Meu chapéu muito decente,
De boa e fina carneira,
Eu deixo muito contente
Para o Antônio Pereira.

As sandálias que andei
Contra Jesus na campanha
Com prazer eu deixarei
Ao Dimas "Flôr da Montanha".

Não posso ser ingrato
Com seu amigo irmão,
Por isto deixo um sapato
Ao que se chama João.

De ter consciência ingrata
Não quero correr o risco,
Deixo então minha gravata
Ao seu outro irmão Francisco.

Alberto amigo sincero,
Que estimo de coração,
Ao morrer deixar-lhe quero
O meu velho jaquetão.

Para o Zinho tão somente
Não mostrar a cara feia,
Prá êste amigo de sempre
Tem seis camisas de meia.

Uma boa calça de lista
Que ficou do jaquetão,
É do Oscar desenhista
Da escola de aviação.

Um fraque preto e antigo
Que há tempo não uso,
Deixo para o meu amigo
O distinto Luis Buso.

Como justa recompensa
Deixo meu grande rosário
Para o baiano de creança
Senhor Gomes Boticário.

Como sinal de respeito
Deixo o meu manto e capuz,
Ao meu amigo do peito
José Manuel da Cruz.

Roupas de seda bordado
Na verdade bem bonito,
Para o amigo dedicado
Senhor José Benedito.

Para provar minha estima,
Ao meu amigo Moacir,
Deixo uma camisa fina
Prá amanhã êle vestir.

Cuecas de fino pano
E feitas com perfeição,
Eu deixo ao Walter "bacano"
Amigo de distinção.

Um quimono do Oriente
Que comprei de um chinês,
Eu deixo por ser decente
Ao Dargirio japonês.

Measa bom companheiro,
E competente chofer,
Para andar o dia inteiro
É seu o meu Chevrolet.

Uma capa muito boa
A "Metro" foi quem a fez,
Para ampará a garoa
É do Augusto português.

Eu deixo ao Jonas Navarro
Por ser amigo de escol,
O meu cachimbo de barro
E um velho chapéu de sol.

Meus trastes de serventia,
Xicara, prato, açucareiro,
Por ser de pouca valia
Deixo ao José açogueiro.

Relógio de alto preço
E a medalha também,
Ao Armando eu ofereço
Pois lhe quero muito bem.

Cama, colchão, travesseiro,
E uma coisa que não digo,
E para o bom marceneiro
Otacilio meu amigo.

O dinheiro do meu crime,
Que recebi na bolsinha,
Muito embora alguém lastime
E do Jorge da Iojinha.

O meu livro mais antigo,
Que tem minha triste história,
Deixo para o meu amigo
O tenente Carlos Dória.

Por ser médico notório,
Por isto é quem mais herda,
Um completo consultório
Eu deixo ao dr. Lacerda.

Como prova de apreço
E de alta distinção,
Ao dr. Milton ofereço
Um motor e um boticão.

Depois dum raciocínio,
E várias ponderações,
Deixo ao dr. Euríno
Meu estojo de injeções.

Deixo ao José do cinema,
Por seu empreendimento,
Macio colchão de pena
Para dormir a contento.

Eu sei do grande berreiro
Que isto irá causar,
Deixando ao Chico tagueiro
Uma casa para morar.

O Mário de bons intentos,
Mas infeliz no amor,
Deixo uma dúzia de lenços,
Para chorar sua dor.

Um banco, mesa, cadeira,
Que comprei a um judeu,
Nesta hora derradeira
Ofereço ao Amadeu.

Por ser enérgico de fama,
E não querer nada errado,
Deixo meu lindo pijama
Ao Dumas bom delegado.

Ao baiano de Itabuna,
Que em visita aos filhos veio,
Reparto minha fortuna
Prá gozar bem do passeio.

Feito assim meu testamento
Por minha livre vontade,
É justo meu sofrimento
Por toda a eternidade.

Pratiquei tão grande crime
Não posso ser perdoado,
Pois um justo não redime
Preferir ser enforcado.

Neste dia memorável
Desta minha expiação,
Acontecimento notável
Digno da minha traição.

Assim, em todo Universo,
Dêste modo justicado,
Este Judas tão perverso
É dêste modo queimado.

A MALHAÇÃO DE JUDAS EM COTIA, ITU E PIRAPORA

Desejando conhecer melhor a malhação de Judas do Estado de São Paulo, realizamos, também, pesquisas de campo nas cidades de Cotia, Itu e Pirapora.

Em Cotia

Estivemos nessa cidade em 1951.

Os preparativos para o festejo iniciam-se na sexta-feira. Pessoas encarregadas de fazer o Judas começam a angariar donativos. Uns cooperam com as peças da indumentária e outros com dinheiro, cachaça e ovos. A máscara do boneco tem doador fixo.

Ná manhã do sábado, o boneco começou a ser confeccionado. Para a feitura, usou-se um macacão de brim azul, paletó preto, chapéu cinza, gravata marrom e sapatos brancos. Dentro do macacão, puzeram capim e uma bomba.

Ficou pronto às quatro horas da tarde. Rapazes e moças vieram vê-lo e deram sugestões sobre como deveria ser arrumado para sair à rua.

As deztois horas, amarrado numa cadeira, colocada em andor, que era carregado por quatro jovens, o Judas foi levado para fora. E passeata principiou, com as ruas apinhadas de gente.

Atrás do boneco ia um rapaz, que cuidava dos seus movimentos, fazendo-o dar adeuses e cumprimentar o povo com acenos de cabeça. Acompanhava-o um cortejo instrumental, constituído de violino, saxofone, clarineta, pandeiro, violão, viola, cavquinho, chocalho, executando choros, sambas e marchinhas carnavalescas.

No decorrer da passeata, alguém gritou: "O Judas vai morrer!" E logo, toda a multidão o acompanhou, em coro.

Os que participavam do cortejo iam distribuindo, gratuitamente, ao povo, cachaça pura, "batida" e pinga com ovo. Também soltavam rojões e bombas.

As 18,30, o cortejo do Judas chegou ao largo da Matriz, onde moças e senhoras o esperavam para ouvir a leitura do testamento.

Nesse local, a pessoa que representava o escrivão testamentário leu o documento, por entre palmas e vaías de uns, gritos e gargalhadas de outros.

Terminada a leitura, o Judas foi desamarrado da cadeira. E, logo depois, meteram-lhe fogo. A bomba estourou e os restos do boneco foram malhados por moleques e rapazes.

Em Cotia, anos atrás, havia, também, malhação de Judas ao meio-dia. O boneco era amarrado na torre da igreja. Ao lado desta, fazia-se fogueira. Terminada a missa, o padre benzia o fogo e o Judas era jogado para baixo, onde a criançada o esperava para malhar. Segundo nos informaram, essa malhação foi suprimida por determinação do Papa.

Em Itu

Há mais de sessenta anos até 1951, a malhação era realizada no largo da Matriz.

Dela participavam dois bonecos, um representando Judas e outro o Diabo, chamado "Cuisarium". Ambos eram feitos de papelão, tendo, no interior das cabeças, balas e bombons.

O Judas vestia túnica de cetim branco e blusão côr de rosa; a cabeça era uma máscara de velho barbudo; nas mãos, trazia um saquelin de moedas.

O "Cuisarium" usava roupa e asas de cetim vermelho e botas negras; a cabeça era uma máscara de chifres longos e pontegudos; nas mãos, de dedos e unhas compridas, levava um tridente.

Os dois bonecos eram fixados a um duplo mastro de oito metros, ficando o Judas em baixo, e na parte superior o "Cuisarium". A esquerda, havia uma série de seis estacas de metro e meio com uma bateria, que era ligada aos bonecos.

Ao meio-dia, o fogueteiro punha fogo na bateria. Depois de alguns estouros, o "Cuisarium" caía à cavalo no pescoço do Judas. A seguir, ambos subiam até a extremidade do mastro, onde estouravam. As cabeças eram

jogadas no longe, iniciando-se, então, a malhação propriamente dita. Antes, porém, a molecada tratava de arrecadar as moedas, balas e bombons, que se espalhavam pelo largo.

Em Pirapora

Em 1950, como em todos os anos, a malhação foi realizada no largo da Matriz.

Havia dois bonecos amarrados num só poste. Ambos eram feitos de roupa velha, capim, papelão e máscaras. Pregados aos mesmos encontravam-se os testamentos, um dos quais, minutos antes, deveria ser cantado por um violeiro, no coreto do largo.

A malhação compreendeu o espancamento e a queima dos bonecos.

O primeiro testamento dizia:

Ao amigo pé de cobra
Ao Naus e ao Landinho,
Eu deixo minha viola
Prá fazerem seu joguinho.

Ao Dintinho do Estevinho,
Que só fala em trabalhar,
Deixo minha boa picareta,
E uma tanga para usar.

O Chita, o Mané, o Joãozinho,
Os três morenos faceros,
Eu vou levá-los comigo
Prá trabalhar no banheiro.

O Tiago e o Tino e Argeu,
O Leôncio, o Sílvio e Otávio,
Eu deixo o meu automóvel
Para baldream cascalho.

Cháu, amigos!

O segundo, que foi cantado pelo violeiro, era o seguinte:

Eu sou o Judas traidor
Que agora vai morrer,
Sofrendo já tanta dor
Sem saber o que fazer.

Eu vou levar na cabeça
Muitas e muitas bordoadas,
Mas, amigos, não se esqueçam:
Vou deixar a barrigada.

Vou deixar meu testamento
Bem escrito e assinado,
E com muito fundamento
Já vai ser multiplicado.

Minha calça que é bombacha
Toma chuva e fica enxuta
E um copo de cachaça
Vai ficar pró amigo Chita.

Meu sapato de verniz
Com bem dó eu vou deixá,
Foi de encomenda que fiz
Prá dar ao Zé Tralá.

Eu tenho um pente bonito
Que custou quinze cruzeiro,
Quero deixar de presente
Pró Armando penteá o cabelo.

Meu paletó azul marinho
No corpo é um pouco aberto,
Eu vou deixar para o Dino
Vestir no dia de finado.

A camisa é do Zé Mota,
Que já está encomendada,
Um docinho de compota
Com um pouco de barrigada.

A cueca é para o Geninho
O seu futebol jogar,
Mas, vista-a com muito jeitinho
Que pode a mesma rasgar.

As meias e os suspensórios
Vou deixá-las ao Ferreira,
Prá segurar suas calças
Nos noites de bebedeira.

O meu chapéu dó de vinho
Eu deixo para o Carci,
Que usa o dia interinho
E não tira prá dormi.

Pró Perinho que é do peito,
Que sempre mascara cortiga,
Vou deixar-lhe de presente
Seis metro de linguíça.

Pró Chiquinho e para o buda,
Que nunca posso esquecer,
Vou deixar-lhes a biblioteca,
Que rachem de tanto ler.

Para o Zé Brito e o Tinho,
Que em breve vai se casar,
Eu como amigo convidado
Prá comiço se enforcar.

Ao Bombacha e ao Zé Mota
Ao Gipe e o Papadua,
Eu vou deixar o alambique
E uma cana bem madura.

Ao Cide e o Cambara,
Ao Misau, ao Roque Fanqueca
Fica um maço de vela
E três quilos de bisteca.

Viva!

Judas Iscariotão

A MALHAÇÃO DE JUDAS EM OUTRAS CIDADES PAULISTAS

Também recebemos informações da malhação de Judas de Atibáia, Araras, Botucatu, Campinas, Piracicaba, São Caetano do Sul, São José dos Campos, São Luís do Paraitinga, Santo Amaro, Taubaté, Taquaritinga, Santos e São Vicente.

E em face das informações, concluímos:

a) De como é feito o boneco

Como os demais, é feito de roupa velha (calça, camisa, paletó, meias, sapatos etc.), em cujo interior para dar forma colocam-se trapos, capim de colchão, palha de milho, fôlhas de árvores, serragem e algumas ripas de madeira. A cabeça é feita com um porungo, uma abóbora, uma caixa de marimbondo. Dentro do boneco ou nos bolsos, é costume colocar balas, pinhão, amendoim, dinheiro e bombas pequenas ou grandes. As vezes, as peças do vestuário são oferecidas pelas principais casas de comércio ou por diferentes pessoas da cidade.

b) De como é amarrado

Em geral, é amarrado na torre da igreja, em forcas e postes de madeira, em paus de sebo, nos bancos dos largos, nas janelas das casas, pela cintura ou pescoço, com arame ou barbante. O pau de sebo, na maioria das vezes, é um tronco de eucalipto, com cerca de oito metros de altura, lixado e engraxado. Na parte superior, apresenta dois pedaços de madeira roliça, em sentido horizontal, onde o Judas é amarrado. A parte inferior é enterrada numa cova.

c) De como é feita a malhação

A malhação é executada com pedras, tijolos, ripas, achas de lenha, cacetes, pau de vassoura e taquara. A queima pode ser efetuada antes ou durante a malhação. Na zona rural esta é iniciada a tiros. Em algumas

idades, o festejo começa na sexta-feira à noite, com a colocação dos bonecos nas encruzilhadas dos caminhos ou à porta das casas. Em outras, antes da malhação há a passeata do cortejo do Judas. Quando o boneco está preso no pau de sebo ou na torre da igreja, a malhação só é iniciada depois de sua queda ao chão.

d) **Dos elementos que tomam parte**

Participam da malhação crianças, rapazes e até adultos, em geral, da classe humilde.

e) **Do que os participantes dizem sobre o fato**

Em resumo, eles explicam a malhação de Judas pelas seguintes razões:

- 1 — Porque apontou Jesus como malfeitor.
- 2 — Porque vendeu Jesus por trinta moedas.
- 3 — Porque traiu Jesus.
- 4 — Porque é tradição.

f) **Das frases ou versos que dizem os participantes**

As frases mais comuns são:

- 1 — Cumpra-se a sentença.
- 2 — Deixa queimá bem.
- 3 — Desgraçado Judas!
- 4 — Hoje é teu dia.
- 5 — Já tá no fim, peste!
- 6 — Matemos o traidor!
- 7 — Não machuca o home!
- 8 — Toma, miserável!
- 9 — Vou dar uma paulada bem na cabeça.

Mais raros são os versos, dos quais apresentamos os exemplos:

- | | |
|---|---|
| <p>1 - Curucutu, já, já,
Curucutu, já, já.
(Taubaté)</p> <p>2 - O Judas vai morrer.
Jesus vai ressuscitar.
Jesus com a bänderinha
Ele subindo está.
(Botucatu)</p> <p>4 - Todo o mundo condena
O meu ato,
Mas, Judas aqui
Hoje é mato.
(Botucatu)</p> | <p>3 - O Judas está no pau,
Tá, sim senhor,
O Judas está no pau,
Tá, sim senhor.
E o que é que o Judas faz,
Faz, sim senhor,
Ora, bate, moleque,
Puf...
(São José dos Campos)</p> |
|---|---|
- g) **Do testamento**

Na maioria das malhações, há leitura do testamento. De Santos e São Luís do Paraitinga, recebemos os documentos que vamos transcrever:

1.º — Testamento de Santos (1950)

Eu, Judas, traidor mór,
Vô fazer meu testamento
Pros do meu conhecimento
E os que moram em meu redor.

Primeiro lugar de tudo
Me lembro de nhá Gertrude.
Pois ela sempre me ajudô
Prá ela fica meu vaso de fiô.

Logo mais vem seu dotô
Prá quem deixo o paletô,
Pois quando estive doente
Me deu remédio e chá quente.

Também pro seu Zé Bané
Dêxo a caixa de rapé.
E pró amigo Vitorino
Meus sapato muito fino.

Minhas calça desbotada
É pró Antônio camarada,
A camisa fica pró Juca
E a gravata pró Pinduca.

As meia também vô deixá
Pró marido de nhá Naná,
E o meu velho chapéu
É pró meu amigo Léo.

São só êsses os meus tareco,
Também não tenho mais tempo,
O melo-dia tá perto
Tá chegando o meu momento.

Vô me despedir de todo
Tá na hora de ir pró fogo,
Vô pagá os meus pecado
Mereço ser castigado.

2.º — Testamento de São Luís do Paraitinga (1950)

Fui um dos doze apóstolos
Pelo meu mestre querido,
Desconhecendo todo bem
Por mim êle foi traído.

Com meus onze companheiros
O bom do meu mestre seguia,
Até a última hora triste
Em que meu mestre eu traia.

Estive em companhia do meu mestre
Até a hora bela da última ceia,
Traindo o mestre, o que fiz eu?
Pratiquei a ação mais que fria.

Agora, para todos do mundo
Deixo escrito meu testamento,
Sejam bons e não traidores
Para bons nomes aos quatro vento.

Aos luizenses conterrâneos
Deixo aqui minha boa vontade,
De que todo visitante desta
Falem bem de nossa cidade.

Deixo como todos podem ver
O pedido justo de um perdão,
Das traições que se fizeram
Pois é dura, agora sei, uma traição.

Aos ricos e gananciosos
Que dos pobres não tem dó,
Deixo a laçada feita e corda,
Que puxando no pescoço faz o nó.

A todo que nas solenidades
Somente a igreja rodeia,
Deixo-lhe um justo título
Pratica êle ou ela ação tão feia.

Aqueles que sem serviços
Passa o dia inteiro na vadeira,
Deixo um título justo e certo
Se vivem êles numa pasmaceira.

Este verso é o número onze
A cada apóstolo darei, darei,
Para recordação no futuro
Foi êstes verso arranjei.

(Neste documento falta a quarta quadrinha, que deixou de ser copiada pelo informante.)

Da mesma cidade é o testamento seguinte:

Apóstolo fui até agora,
Que serei logo enforcado,
Vejam bem toda gente
Pois já estou dependurado.

Vejo aqui perto de mim
E com todo contentamento,
Os moleques até de longe
Que aguardam meu testamento.

A todos quantos são meus
Eu deixo o arrependimento.
Se fui ingrato a meu Mestre
Sabem todos a quatro ventos.

Ao povo de minha terra,
Que bom éle eu acho,
Deixo a tabela de preço
E tudo por preço baixo.

A todo cambista negro,
De fato um tubarão,
Deixo em qualquer lugar,
As grades de uma prisão.

Aos amantes de sua terra,
Que diz: bem fiz o que pude,
Cada vez de espirrar,
Eu lhe deixo: Deus lhe ajude.

A todos que gostam mesmo
Que a cidade esteja suja,
Para um de seus banquetes
Eu deixo uma coruja.

(Este testamento, como o anterior, é de autoria de Benedito Souza Pinto, poeta popular de São Luís do Paraitinga.)

NOTAS À MALHAÇÃO DE JUDAS DE SÃO PAULO

1 — Em geral, a malhação na Capital apresenta-se como um festejo de crianças e jovens, que se difunde, já com certo declínio, por imitação e tração, nos grupos de pequenos burgueses e operários.

2 — Na literatura oral e escrita da malhação há trechos de marchinhas de carnaval ("Tomara que chova três dias sem parar", "Daqui não saio daqui ninguém me tira", "Tá, tá, tá, tá na hora"), expressões populares ("Já vai tarde", "Sombra e água fresca"), crítica social ("Aleluia chegou e o morro ficou"), referência à personagem que impressionou o grupo ("Pintaçada" — automobilista italiano, que venceu corrida internacional em São Paulo).

Para todos quantos deixam
Aberta todo o dia a torneira,
Deixo para ver sempre
Água na rua e sujeira.

Ao nosso Prefeito atual,
Bom filho espóse e pai,
Deixo a gratidão deste povo,
Que do pensamento não sai.

Para os gananciosos
Que do pobre não tem dó,
Deixo a corda e a laçada,
Que puxando fará o nó.

Aos amantes desta terra,
Cheios de boa vontade,
Deixo a gratidão justa
Do povo desta cidade.

Aos luisenses ausentes,
Que de sua terra não esquece,
Deixo a pedido o que faz,
Pois dos luisenses merece.

O pedido que faz éles
É que São Luís progrida,
Que a terra de Osvaldo Cruz
Nunca seja esquecida.

São Luís do Paraitinga,
A terra de Osvaldo Cruz,
De dia não tem água,
De noite não tem luz.

3 — A crítica social manifesta-se de forma concreta e dominante no testamento, que, hoje, já vai constituindo uma raridade. Geralmente, este é elaborado por estudantes, cantadores e poetas populares. Quando feito em versos, o testamento apresenta a estrutura de nossas quadrinhas tradicionais, como acontece no sertão baiano, segundo Rocha Lima (ob. cit.), ou o esquema "a-b-a-b" do Ceará, conforme Gustavo Barroso (1), e também "a-a-b-b".

4 — Em nosso festejo, há elementos de Portugal, Lorena Alemá e outras partes da Europa (a malhação); da Inglaterra (jogar os restos ou as cinzas dos Judas na água); da Suíça (atirar o boneco com armas de fogo e quebrar louças à hora da malhação); de Portugal (a leitura do testamento pelo "juiz" ou "tabelião" e o costume de colocar bombas no corpo do boneco).

5 — Em São Paulo, na cidade de Itu, ainda agora se realiza o festejo como o descreveu nos primórdios do século passado Jean Baptiste Debret; a nossa malhação de Cotia recorda a do sertão baiano, descrita por Rocha Lima (ob. cit.); em algumas cidades, é costume colocar-se o boneco nas encruzilhadas ou à porta das casas, como no Nordeste, segundo Câmara Cascudo (ob. cit.).

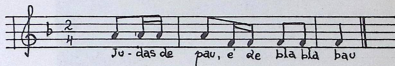
6 — O rito do "fogo novo" pode ser recordado no seguinte: a realização da queima do Judas nos largos da Matriz, à frente ou ao lado da igreja, nas cidades do Interior do Estado, como na Europa nos tempos do "lo fu de Judas" e do "Judasfeuer"; a bênção da fogueira, onde era queimado o boneco, como se o fazia, até há pouco, em Cotia, nas proximidades da Capital; a crença de que a água é benta à hora da malhação, o que observamos em alguns bairros da Capital (Moóca, Pari, Brás, Lapa); a estreita relação do festejo ao elemento essencial do rito do fim do inverno: o fogo.

7 — O motivo predominante do festejo é a vingança do cristão contra o traidor Judas Iscariotes. No momento agudo da malhação, tudo o mais é esquecido, para dominar soberana a tradição da Igreja Católica.

(1) Barroso, Gustavo — "Através dos Folk-lores". Editora Pro-fietária Comp. Melhoramentos de São Paulo, 1927.

CANTO DE MALHAÇÃO DE JUDAS

São muito raros os cantos tipicamente de malhação de Judas. Por isso, resolvemos acrescentar ao nosso material esta melodia, que um nosso informante recolheu, em Jaboticatubas, no Estado de Minas Gerais, em 1950.

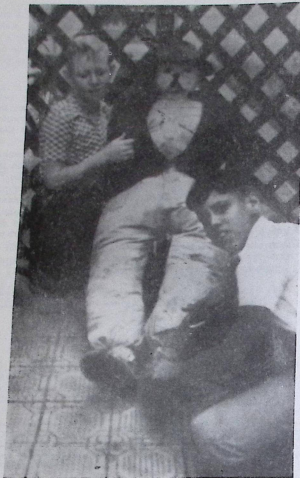


Judas de pau
É de bláu, bláu, bau.

DOCUMENTARIO FOTOGRAFICO

O JUDAS NA CAPITAL

1 - DE COMO É FEITO E AMARRADO



Os últimos retoques do Judas da Rua Santo Antônio - 1951 - Bairro do Bexiga



Elementos do Judas da Rua Virgílio de Freitas - 1950 - Moóca



O preparo do Judas na Rua Virgílio de Freitas - 1950 - Moóca



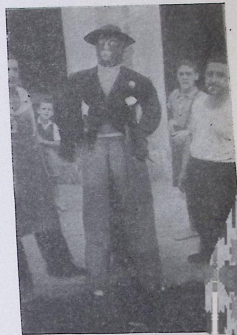
Como é amarrado o Judas da Rua Virgílio de Freitas - 1950 - Bairro da Mooca



O Judas da Rua Rui Barbosa - 1951 - Bairro da Bela Vista



Os Judas do Largo São Paulo - 1951 - Cidade



O Judas da Rua Mamoré - 1950 - Bairro do Bom Retiro

Como foi fixada a cabeça do Judas da Rua Virgílio de Freitas - 1950 - Bairro da Moóca



O Judas da Avenida Tiradentes - 1951 - Bairro da Luz



Judas da Rua Fernandes Vieira 1950 - Bairro do Belém



O Judas no pau de sebo 1950 - Horto Floretal

2 - DA LEITURA DO TESTAMENTO



O jovem lê o testamento ao
lado do Judas da Rua Joli
1950 - Bairro do Brás

3 - DOS PARTICIPANTES



Os malhadores da Rua Virgílio de Freitas - 1950 - Bairro da Moóca



Os malhadores da Rua da Paz - 1951 - Bairro da Moóca

4 - DA QUEIMA E MALHAÇÃO



O estouro dos Judas do Largo São Paulo - 1951 - Cidade

O Judas é embebido de gasolina
Rua Alves Guimarães - 1951
Bairro Cerqueira César

Aspecto do festejo da Rua Tomás Edison - 1951 - Bairro de Nossa Senhora do O'



Estouro do Judas da Rua São Vicente - 1951 - Bairro do Bexiga

O JUDAS EM SANTOS



Bairro do Macuco - 1950